



# A Santa Sé

---

**DISCURSO DO PAPA BENTO XVI  
AOS PARTICIPANTES NA 54ª ASSEMBLEIA GERAL  
DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA**

*Segunda-feira, 30 de Maio de 2005*

Queridos Irmãos Bispos italianos, estou feliz por vos encontrar aqui esta manhã, reunidos na vossa Assembleia Geral, depois de ter celebrado ontem com muitos de vós em Bari a Santa Missa conclusiva do Congresso Eucarístico Nacional. Saúdo o vosso Presidente, Cardeal Camillo Ruini, ao qual agradeço as calorosas palavras que me dirigiu em vosso nome. Saúdo os três Vice-Presidentes, o Secretário-Geral e cada um de vós, e desejo expressar-vos sentimentos de profunda comunhão e de afecto sincero.

Transcorreram poucas semanas desde a minha eleição e estão muito vivos em nós aqueles sentimentos que nos acomodaram nos dias do sofrimento e da morte do meu venerado Predecessor, o Servo de Deus João Paulo II, para cada um de nós um pai, um exemplo e um amigo. Estou-vos particularmente grato porque sinto que me acolheis com o mesmo espírito com que o acompanhastes durante os vinte e seis anos do seu Pontificado.

Queridos irmãos, o nosso vínculo tem uma raiz clara, ou seja, a que une todos os Bispos do mundo ao Sucessor de Pedro, mas que nesta nação assume um vigor especial porque o Papa é Bispo de Roma e Primaz da Itália. A história mostrou, já ao longo de vinte séculos, quantos grandes frutos de bem este peculiar vínculo tenha dado, quer para a vida de fé e para o florescimento da civilização do povo italiano quer para o ministério do próprio Sucessor de Pedro. Por conseguinte, começo um serviço novo e inesperado ao qual o Senhor me chamou sentindo-me intimamente confortado pela vossa proximidade e solidariedade: juntos poderemos cumprir a missão que Jesus Cristo nos confiou, juntos poderemos testemunhar Cristo e torná-lo presente hoje, não menos que ontem, nas casas e nos corações dos italianos.

De facto, a relação da Itália com a fé cristã, não só remonta à geração apostólica, à pregação e

ao martírio de Pedro e Paulo, mas actualmente também é profundo e vivo. Sem dúvida, aquela forma de cultura, baseada numa racionalidade meramente funcional, que contradiz e tende para excluir o cristianismo e em geral as tradições religiosas e morais da humanidade, está presente e actuante na Itália, como um pouco em toda a Europa. Mas aqui a sua hegemonia não é total e muito menos incontrastada: são muitos, também entre os que não partilham ou não praticam a nossa fé, os que sentem como uma tal forma de cultura constitua na realidade uma funesta mutilação do homem e da sua própria razão. E sobretudo, na Itália, a Igreja conserva uma presença minuciosa, entre o povo de todas as idades e condições, e por conseguinte, pode propor nas situações mais diversas a mensagem de salvação que o Senhor lhe confiou.

Queridos irmãos, conheço o vosso compromisso para manter viva esta presença e para incrementar o seu dinamismo missionário. Nas Orientações pastorais que entregastes às Dioceses italianas para este primeiro decénio do novo século, retomando os ensinamentos de João Paulo II na *Novo millennio ineunte*, colocais justamente na base de tudo a contemplação de Jesus Cristo e, n'Ele, do verdadeiro rosto de Deus Pai, a relação viva e quotidiana com Ele. De facto, encontra-se aqui a alma e a energia secreta da Igreja, a fonte da eficiência do nosso apostolado. Sobretudo no ministério da Eucaristia, nós próprios, os nossos sacerdotes e todos os nossos fiéis podemos viver em plenitude esta relação com Cristo: aqui Ele torna-se tangível entre nós, doa-se sempre de novo, torna-se nosso para que nós nos tornemos seus e aprendamos o seu amor. O Ano da Eucaristia e o Congresso que acabamos de celebrar em Bari são estímulos que nos ajudam a entrar mais profundamente neste Mistério.

Ao contemplar o rosto de Cristo, e em Cristo o rosto do Pai, Maria Santíssima precede-nos, ampara-nos e acompanha-nos. O amor e a devoção à Mãe do Senhor, tão difundidos e radicados no povo italiano, são uma herança preciosa que devemos cultivar sempre e um grande recurso também em vista da evangelização. Sobre estas bases, queridos irmãos, podemos verdadeiramente propor a nós mesmos e aos nossos fiéis a vocação à santidade, como "medida alta da vida cristã ordinária", segundo a feliz expressão de João Paulo II na *Novo millennio ineunte* (n. 37): de facto, o Espírito Santo vem até nós, de Cristo e do Pai, precisamente para nos introduzir no mistério da vida e do amor de Deus, além de qualquer força e expectativa humana.

Concretamente, a presença da Igreja entre a população italiana caracteriza-se antes de tudo pela rede espessa das paróquias e pela vitalidade que elas ainda exprimem, mesmo nas grandes mudanças da sociedade e da cultura. Numa vossa recente Nota pastoral (*O rosto missionário das paróquias num mundo em mudança*) preocupastes-vos sabiamente por apoiar as paróquias, reafirmando o seu valor e a sua função e encorajando assim de modo particular os sacerdotes que têm as pesadas responsabilidades de párocos. Mas também realçastes a necessidade de que as paróquias assumam uma atitude mais missionária na pastoral quotidiana e, por conseguinte, se abram a uma colaboração mais intensa com todas as forças activas de que a Igreja hoje dispõe. É muito importante, em relação a isto, que se fortaleça a comunhão entre as estruturas paroquiais e as várias realidades "carismáticas" que surgiram nos últimos decénios e

que estão amplamente presentes na Itália, para que a missão possa alcançar todos os ambientes de vida. Para a mesma finalidade, um contributo precioso provém certamente da presença das comunidades religiosas, na Itália ainda numerosas, não obstante a escassez das vocações.

Um terreno decisivo, para o futuro da fé e para a orientação geral da vida de uma nação, é sem dúvida o da cultura. Portanto, peço-vos que deis continuidade ao trabalho que empreendestes para que a voz dos católicos esteja constantemente presente no debate cultural italiano, e ainda antes, para que se fortaleçam as capacidades de elaborar racionalmente, na luz da fé, os numerosos interrogativos que se apresentam nos vários âmbitos do saber e nas grandes opções de vida. Hoje a cultura e os modelos comportamentais são também cada vez mais condicionados e caracterizados pelas representações que a *mídia* propõe: portanto, é benemérito o esforço da vossa Conferência por ter também neste nível uma capacidade adequada de expressão, a fim de poder oferecer a todos uma interpretação cristã dos acontecimentos e dos problemas.

A situação efectiva da Igreja na Itália confirma e justifica a atenção e as expectativas que muitas Igrejas irmãs na Europa e no mundo têm em relação a ela. Como realçou várias vezes o meu Predecessor João Paulo II, a Itália pode e deve desempenhar um importante papel no testemunho comum de Jesus Cristo nosso único Salvador e para que seja encontrada em Cristo a medida do verdadeiro humanismo, tanto para a consciência das pessoas como para a ordem da vida social.

Uma questão nevrálgica, que requer a maior atenção pastoral, é a da família. Na Itália, ainda mais do que em outros países, a família representa verdadeiramente a célula fundamental da sociedade, está profundamente radicada no coração das jovens gerações e enfrenta numerosos problemas, oferecendo apoio e remédio a situações que, de outra forma, seriam desesperadas. E contudo, também na Itália a família está exposta, no actual clima cultural, a numerosos riscos e ameaças que todos conhecemos. De facto, à fragilidade e instabilidade interna de muitas uniões conjugais junta-se a tendência, difundida na sociedade e na cultura, a contestar o carácter único e a missão própria da família fundada no matrimónio. Depois, precisamente a Itália é uma das nações em que a escassez dos nascimentos é mais grave e persistente, com consequências já pesadas sobre todo o corpo social. Por isso, desde há muito tempo vós, Bispos italianos, unistes a vossa voz à de João Paulo II, em primeiro lugar na defesa da sacralidade da vida humana e do valor da instituição matrimonial, mas também na promoção do papel da família na Igreja e na sociedade, pedindo medidas económicas e legislativas que apoiem as jovens famílias na geração e na educação dos filhos. Com o mesmo espírito, estais actualmente comprometidos a iluminar e motivar as opções dos católicos e de todos os cidadãos sobre os *referendum* já iminentes em relação à lei sobre a procriação assistida: precisamente na sua clareza e consistência este vosso compromisso é sinal da solicitude dos Pastores por todos os seres humanos, que jamais podem ser reduzidos a um meio, mas são sempre um fim, como nos ensina nosso Senhor Jesus Cristo no seu Evangelho e como nos diz a própria razão humana. Neste compromisso, e em toda a numerosa obra que faz parte da missão e do dever dos Pastores, estou próximo de vós com a

palavra e com a oração, confiando na luz e na graça do Espírito que age nas consciências e nos corações.

A mesma solicitude pelo verdadeiro bem do homem que nos estimula a ocupar-nos do destino das famílias e do respeito pela vida humana exprime-se na atenção aos pobres que temos entre nós, aos doentes, aos imigrados, aos povos dizimados pelas doenças, pelas guerras e pela fome.

Queridos irmãos Bispos italianos, desejo agradecer-vos, assim como aos vossos fiéis, a grandeza da vossa caridade, que contribui para fazer com que a Igreja seja concretamente aquele povo novo no qual ninguém é estrangeiro. Recordemo-nos sempre das palavras do Senhor: aquilo que fizerdes "a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes" (Mt 25,40).

Em Agosto, como sabeis, irei a Colónia para a *Jornada Mundial da Juventude* e espero encontrar-me de novo com muitos de vós, acompanhados por um grande número de jovens italianos.

Gostaria de acrescentar uma palavra precisamente em relação aos jovens, à sua formação, à sua relação com o Senhor e com a Igreja. De facto, eles são, como afirmou repetidas vezes João Paulo II, a esperança da Igreja, mas estão também, no mundo de hoje, particularmente expostos ao perigo de serem "batidos pelas ondas e levados por qualquer vento da doutrina" (Ef 4, 14).

Portanto, têm necessidade de ser ajudados a crescer e a amadurecer na fé: este é o primeiro serviço que devem receber da Igreja, e especialmente de nós Bispos e dos nossos sacerdotes.

Sabemos bem que muitos deles não estão em condições de compreender e de acolher imediatamente todo o ensinamento da Igreja, mas precisamente por isso é importante despertar neles a intenção de crer com a Igreja, a confiança que esta Igreja, animada e guiada pelo Espírito, é o verdadeiro sujeito da fé, e, ao inserir-nos nele entramos e participamos na comunhão da fé. Para que isto se possa verificar, os jovens devem sentir-se amados pela Igreja, amados concretamente por nós, Bispos e sacerdotes. Assim, poderão conhecer na Igreja a amizade e o amor que o Senhor lhes tem, compreenderão que em Cristo a verdade coincide com o amor e aprenderão por sua vez a amar o Senhor e a ter confiança no seu corpo que é a Igreja. Queridos Irmãos Bispos italianos, este é hoje o ponto central do grande desafio da transmissão da fé às jovens gerações.

Garanto-vos a minha oração quotidiana pelas vossas pessoas e pelas vossas Igrejas, por toda a amada nação italiana, pelo seu presente e pelo seu futuro cristão, pela tarefa que ela está chamada a desempenhar na Europa e no mundo, e concedo com afecto uma especial Bênção Apostólica a vós, aos vossos sacerdotes e a cada família italiana.

